PROJETO MÁRIO TRAVASSOS

Artigo de opinião

O POLITICAMENTE CORRETO NO ENSINO DE BASE: MINHA EXPERIÊNCIA

Ten Fernanda
(opinião de inteira responsabilidade do autor)

Campinas
2021

1 INTRODUÇÃO

O proletariado, classe de manobra utilizada pelos intelectuais marxistas no início do século XX em diversas nações para gerar o caos social, uma vez acomodado com as benesses capitalistas, cedeu gradualmente ao longo dos anos seu protagonismo revolucionário para outras classes menores fomentadas a partir de naturezas sociais diferentes. A distribuição da força de manobra depositada nos inúmeros grupos insatisfeitos da sociedade, cujo planejamento se deu pelos intelectuais da Escola de Frankfurt (1924) descontentes com os resultados da Revolução Russa de 1917, foi uma das principais estratégias que possibilitou revestir a esquerda com um novo véu, mantendo-a viva e pulsante no cenário político mundial. Contribuindo para o processo de reformulação comunista, o italiano Antônio Gramsci (1891-19367) tratou sobre a necessidade do controle cultural por meio da ocupação de espaços educacionais e jornalísticos para que a propaganda revolucionária fosse transmitida de maneira sutil e ostensiva pelos ativistas aparentemente desvinculados ao Partido.

A entrada dessas novas concepções no panorama social brasileiro após os governos militares terem assumido o poder, contido as revoltas armadas de cunho comunistas e afastado temporariamente a esquerda do cenário político, foi a oportunidade que a intelectualidade esquerdista brasileira teve para se reinventar e tentar modificar os valores fundantes da nação, se infiltrando nas universidades, escolas e nos editoriais de imprensa. Da teoria à prática: Hoje, as pseudoreivindicações das minorias supostamente oprimidas compõem hegemonicamente a base de qualquer expressão cultural da sociedade brasileira. Endossada pela mídia tradicional, toda narrativa romântica de **esquerda** conserva discreta e propositalmente em sua natureza o coeficiente revolucionário que, uma vez percebido e contestado, recebe de imediato uma gama de ataques de slogans rotuladores dos mais desprezíveis e incoerentes pela classe falante. Nessa constante, incorporou-se na linguagem popular o termo “politicamente correto” que engenhosamente tem o objetivo de suprimir liberdade de expressão, desestimulando e ridicularizando toda crítica, por mais coerente que seja, que busque desvendar as falsas bandeiras defendidas pelas novas narrativas **progressistas** que se intitularam como detentora suprema dos valores de proteção e resguardo das minorias oprimidas.

O modo de pensar dentro dos padrões estabelecidos como politicamente corretos representa a supressão de consciência individual e a consequente incapacidade de perceber a realidade tal como ela se apresente. É uma armadilha linguística que intimida toda opinião sincera, submetendo-a a verdades absolutas incontestáveis repetidas inúmeras vezes pelos veículos de comunicação tradicionais que, além disso, inibem um debate saudável. Tudo com propósito. O sujeito que omite suas ideias com medo da reação de linchamento dos pares por ter uma visão diferente do assunto,

imerge numa espiral de contradições internas que lhe causarão um desgosto o qual deverá ser compensado pela busca de novas informações prontas. Como se fosse uma droga que deve-se aumentar a dose a cada desgosto para dar a mesma sensação de alívio. As artimanhas e as sutilezas da linguem politicamente correta dão a impressão que o sujeito elaborou por seus méritos inteligíveis sua opinião, mas na verdade, ele a recebeu pronta.

> O conceito do politicamente correto: uma espécie de inferno em si mesmo, lembrando a observação melancólica de Satanás em *Paraíso perdido*: "A mente é seu próprio lugar e, por si só, pode fazer do inferno o céu e do céu um inferno". O politicamente correto faz com que nossos pensamentos mais íntimos se tornem infernais e promete punir a humanidade pelo crime de liberdade de pensamento. O que poderia ser mais satânico? (WALSH, 2020, p. 86)

O prenúncio das tentações malignas transfiguradas como benignas nasceu no **pecado original**. O sussurro sedutor da serpente foi o bastante para atrair Eva ao desejo pelo desconhecido.

Já é tempo de entender que subjulgar a audácia inimiga ou negá-la é entorpecer a consciência individual, deixando o terreno fértil para que a mentira seja cultivada pelo inimigo. Nesse sentido, optar por escrever sobre o politicamente correto no ensino de base não foi por mera curiosidade, mas sim pela presença de seu "doce ardor" sentido na pele.

Devota aos valores cristãos que norteiam a base da família tradicional e convicta da transcendência da liberdade de pensamento e expressão, encontrei o ovo da serpente, justamente, onde menos esperava, na educação de base. Tão logo, o objetivo deste artigo de opinião é transmitir um pouco da experiência passada no colégio onde meu filho estudou na quinta série do ensino fundamental em paralelo ao entendimento do conceito de politicamente correto corporificado na rotina desta escola.

> O termo "politicamente correto" parece ter se originado com Trotsky, para descrever os primeiros bolcheviques, forçados a se adaptar às constantes mudanças dos modos "corretos" de pensamento político soviético, e, mais tarde, adotado por Mao, entre outros. Hoje é a contra narrativa da esquerda profana, um fascismo mental destinado a desencorajar o pensamento independente e incentivar o uso preguiçoso de *slogans* baratos; em outras palavras, uma ferramenta política que nada tem a ver com "moralidade", "tolerância", "diversidade" ou "o arco da história". É simplesmente o mal. Ele contraria a liberdade em todas as suas formas, o que é justamente o seu objetivo, embora se esconda por trás de outra virtude falsa: a compaixão. (WALSH, 2020, p. 87)

No fosco movimento em tornar viável o alinhamento das convicções pessoais numa via de mão única, o politicamente correto no ensino fundamental serve a um propósito bem definido, cujo o objetivo não é só pelo controle das ideias, mas também pelo controle de pensamentos. E nada mais engenhoso que começar por mentes inocentes, que estão no cume da curiosidade e desprovidas de filtros: a criança é o elemento mais eficaz para tamanho desígnio.

Com a intenção de exemplificar como eram abordados os assuntos e a condução para onde as opiniões deveriam repousar, serão apresentados trechos do livro de literatura adotado pelo colégio como ferramente para os “debates”.

2 DESENVOLVIMENTO

O termo politicamente correto é tratado de forma rasa sem o devido peso a ele atribuído, soando muitas vezes como teoria da conspiração ou algo sorrateiro desprovido da sua real intenção.

> Os pensadores responsáveis pela ascensão do politicamente correto foram Antonio Gramsci e Georg Lukács, que foram os primeiros a compreender que, embora o marxismo econômico pudesse não funcionar, o marxismo cultural poderia. Se em vez de confiscar os meios de produção para entregá-los ao proletariado eles ocupassem a cultura, a revolução não teria muito mais chace de dar certo? […] Gramisci, portanto, visou os meios de comunicação de massa, como jornais, revistas, rádio, cinema e a **educação**, a fim de, como Brecht sugeriu mais tarde, dissolver o povo e eleger o outro. (WALSH, 2020, p. 89, grifo nosso)

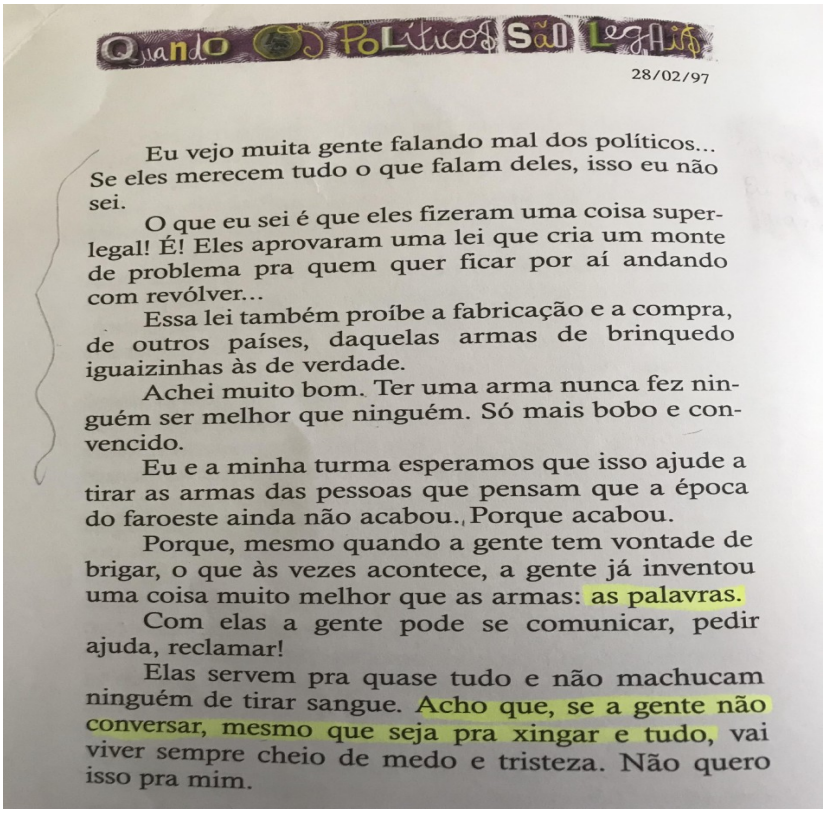
A atuação nas escolas vem, principalmente, com a vitimização camuflada sobre a égide de grupos ditos como minorias: negros, mulheres, homossexuais e índios. São a cortina de fumaça para dissimular e limitar toda uma massa com vias ao controle social, além da transfiguração da sociedade. E é nessa esteira que bandeiras são hasteadas na intenção de reprimir a liberdade individual das pessoas, ou seja, dentro desse escopo estão pautas como o desarmamento, aquecimento global, ideologia de gênero, aborto, bandidolatria. Então porque expandir os tentáculos do politicamente correto para ensino de base? Segundo o filósofo Olavo de Carvalho, “a Educação vem do *ex ducere,* que significa levar para fora. Pela educação a alma se liberta da prisão subjetiva, do egocentrismo cognitivo próprio da infância, e se abre para a grandeza e a complexidade do real. A meta da educação é a conquista da maturidade. O homem maduro”. Nesse sentido, o homem consciente, dotado de capacidade de discernir e guiar seus passos é a antítese do esforço do politicamente correto.

2.1 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

No ano de 2020, meu filho cursava em Campias - SP a quinta série do ensino fundamental e o livro de crônicas adotado pelo colégio era de 1998, o qual expressa explicitamente as convicções ideológicas de seu autor: “Eu fui um cara que estudou durante a ditadura e que cantou o hino nacional de 1968 a 1976 todos os dias, não via razão para fazer aquilo e a gente fazia mil estrepolias durante o hino e isso é formador do meu caráter rebelde, acho isso importante, gosto disso, prezo isso e tal”, descrevendo aspectos de sua formação educacional em entrevista ao canal Nova Escola

em 2010. Não irei citar o colégio e tão pouco o autor, o objetivo do trabalho é expressar e alertar a forma com que o colégio aborda determinados assuntos tendo como base esse tipo de livro.

2.2 CRÔNICA 1: QUANDO OS POLÍTICOS SÃO LEGAIS



Quando os Políticos São Legais

28/02/97

Eu vejo muita gente falando mal dos políticos... Se eles merecem tudo o que falam deles, isso eu não sei.

O que eu sei é que eles fizeram uma coisa super-legal! É! Eles aprovaram uma lei que cria um monte de problema pra quem quer ficar por aí andando com revólver...

Essa lei também proíbe a fabricação e a compra, de outros países, daquelas armas de brinquedo iguaizinhas às de verdade.

Achei muito bom. Ter uma arma nunca fez ninguém ser melhor que ninguém. Só mais bobo e convencido.

Eu e a minha turma esperamos que isso ajude a tirar as armas das pessoas que pensam que a época do faroeste ainda não acabou., Porque acabou.

Porque, mesmo quando a gente tem vontade de brigar, o que às vezes acontece, a gente já inventou uma coisa muito melhor que as armas: as palavras.

Com elas a gente pode se comunicar, pedir ajuda, reclamar!

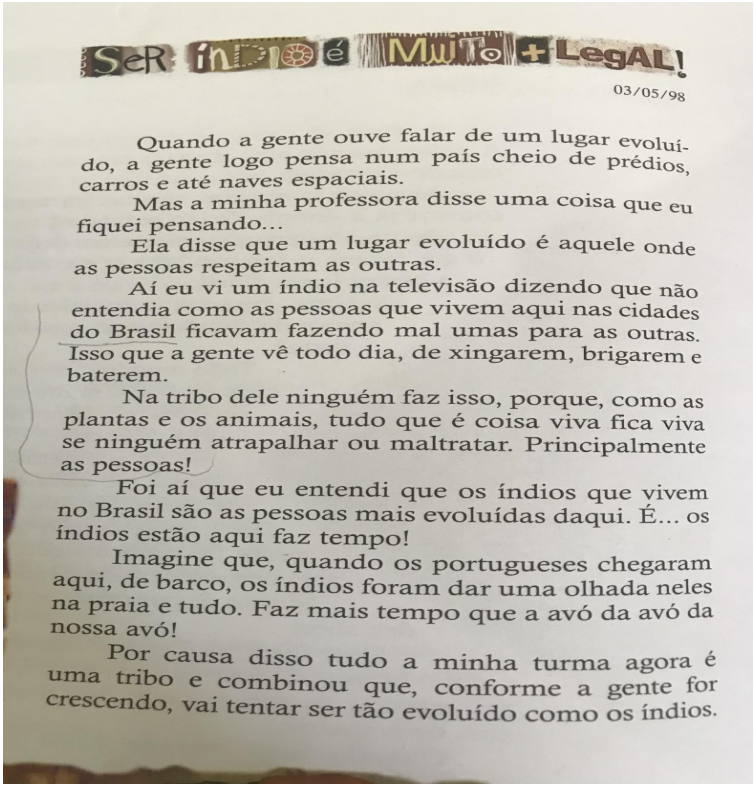
Elas servem pra quase tudo e não machucam ninguém de tirar sangue. Acho que, se a gente não conversar, mesmo que seja pra xingar e tudo, vai viver sempre cheio de medo e tristeza. Não quero isso pra mim.

A pauta era o desarmamento. O texto parte do pressuposto que o político bom é aquele que promove o desarmamento. Endossada pela professora durante a aula, foi explorado somente os perigos da posse de armas pelo cidadão, enfatizando suas consequências fatais. Segundo meu filho, todos os alunos concordaram com a professora, inclusive, salientaram a importância de não comprar armas de brinquedo. Curiosamente, não foram discutidas as seguintes questões básicas sobre o assunto: 1) a existência de um rito burocrático com exames médicos e psicológicos que deve ser seguido para adquirir um armamento e; 2) dentro desta lei, a liberdade de escolha do cidadão comprar ou não uma arma. Nota-se que a dialética, técnica elementar e saudável de contrapor com argumentos opostos a proposta central de qualquer discussão, não foi trabalhada em sala da aula. Mais ainda, qual é o interesse em tratar sobre desarmamento com crianças de 9 e 10 anos? Como essa única visão distorcida da realidade será internalizada na mente de uma criança? O debate de uma via da professora em sala de aula define os parâmetros do que é verdade e, portanto, demarca a extensão da discussão acerca do tema, cerceando qualquer opinião contrária da estabelecida, afinal é o livro e a professora, autoridades máximas do ensino em sala de aula, que deram o veredicto.

Se analisarmos as possíveis crenças absorvidas pela criança, provavelmente, ficará incutida a ideia de que a arma atira sozinha, transferindo do indivíduo para o objeto toda a responsabilidade. A criança pode desenvolver uma inclinação inversa para escolha de uma profissão que trabalhe com armas, pois esse entendimento permanecerá em seu subconsciente. Ressalto também a **coragem moral** da criança ao expor sua opinião contrária quando lhe é proposto um tema que já vem com seus porquês respondidos. Certamente, ela se sentirá desestimulada a falar, somente a repetir as frases prontas da professora. Essa formatação tem método como destaca o professor Olavo de Carvalho.

> É claro que para isso é preciso começar o adestramento bem cedo. Daí a insistência de Antônio Gramsci na importância da escola primária. Também é preciso que algumas crenças sejam inoculadas sem palavras, através de imagens ou gestos, de modo que não possam ser examinadas pela inteligência reflexiva sem um penoso esforço de concentração que poucas pessoas se dispõem a fazer. Assim é possível consolidar reações tão padronizadas e repetitivas que, em certas circunstâncias, um simples muxoxo ou sorriso irônico funciona como se fosse a mais probante das demonstrações matemáticas. (CARVALHO, 2009, p. 360).

2.3 CRÔNICA 2: SER ÍNDIO É MUITO MAIS LEGAL



SER ÍNDIO É MUITO + LEGAL!

03/05/98

Quando a gente ouve falar de um lugar evoluído, a gente logo pensa num país cheio de prédios, carros e até naves espaciais.

Mas a minha professora disse uma coisa que eu fiquei pensando...

Ela disse que um lugar evoluído é aquele onde as pessoas respeitam as outras.

Aí eu vi um índio na televisão dizendo que não entendia como as pessoas que vivem aqui nas cidades do Brasil ficavam fazendo mal umas para as outras. Isso que a gente vê todo dia, de xingarem, brigarem e baterem.

Na tribo dele ninguém faz isso, porque, como as plantas e os animais, tudo que é coisa viva fica viva se ninguém atrapalhar ou maltratar. Principalmente as pessoas!

Foi aí que eu entendi que os índios que vivem no Brasil são as pessoas mais evoluídas daqui. É... os índios estão aqui faz tempo!

Imagine que, quando os portugueses chegaram aqui, de barco, os índios foram dar uma olhada neles na praia e tudo. Faz mais tempo que a avó da avó da nossa avó!

Por causa disso tudo a minha turma agora é uma tribo e combinou que, conforme a gente for crescendo, vai tentar ser tão evoluído como os índios.

Existem várias formas de tratar a história e cultura dos índios, analisando, sobretudo, sua miscigenação e integração com a sociedade brasileira. Não tenho a pretensão em dissertar como deveria ser o método pedagógico da escola para abordar tal tema, porém de posse do texto e diante

do relato acerca da conversa em aula pelo meu filho, ficou claro que a pauta era a tentativa de vitimizar uma das minorias – o índio –, que são a espinha dorsal da construção propositalmente equivocada do termo politicamente correto. Segundo meu filho, durante a aula, o índio fora tratado como referência civilizatória, em contraste com os maldosos portugueses que surgiram como inimigo da etnia por longos anos. Todo esse sentimento de opressão portuguesa hoje recai sobre o homem branco, hétero, cristão graças as narrativas politicamente corretas que não tratam da realidade, mas buscam a fomentação vitimizante de uma classe em detrimento da opressão de outa.

O índio é narrado como ser etéreo, buscando-se o apelo sentimental da pureza. Isso evoca nas crianças a defesa indígena, aflorando sentimentos como dívida, pena e injustiça diante do massacre branco sob essa minoria. Quão angustiante deve ser para uma criança se enxergar pertencente a um grupo destruidor de uma cultura superior? Este ambiente é ideal para o nascimento do politicamente correto nas mentes infantis, uma vez que ela não conseguirá exprimir sua opinião, pois não será incentivada a prática de confrontar ideias. Portanto, ao florescer alguma visão contrária a verdade absoluta que lhe foi contada, o jovem ficará acuado, gerando uma tensão na consciência, sentindo-se, por isso, impedido de expor algo que vem de encontro com a história que internalizou nos tempos do ensino primário.

> A visão coletivista da esquerda enxerga o mundo de modo maniqueísta, e cria categorias predominantes com base em uma única característica, que forma o indivíduo. Cada um tem um gênero, uma cor de pele, uma classe social, uma etnia, uma preferência sexual. O coletivista é aquele que seleciona um desses elementos e diz que somente ele é relevante. O resto não importa. (CONSTANTINO, 2013, p. 285).

3 CONCLUSÃO

Da análise literária dos materiais trabalhados em aula e da forma com que a professora conduziu os assuntos é evidente que a linguem politicamente correta, no sentido irônico do termo, está presente na educação de base. Não há como demonstrar a real motivação do colégio em adotar essa conduta. Porém, certamente, o fundamento descende de um propósito (escuso ou não), ou de um comportamento já instrumentalizado replicado e encarado como verdade absoluta. Contudo, a experiência vivenciada nesse colégio só corrobora com o meu entendimento de que estamos em guerra. Hoje a guerra é cultural/espiritual e nada mais lúdico e silente que conquistar mentes e corações inofensivas. As crianças de hoje serão os juízes, professores, intelectuais de amanhã que, despretensiosamente, irão incorporar o politicamente correto em suas decisões, colaborando para a destruição dos pilares da sociedade ocidental, isto é, a família, o cristianismo e a liberdade individual.

A negligência dos pais é a destruição do mundo como conhecemos.

> Conhecer-te a ti mesmo – e verás que em ti está o principal colaborador do inimigo. É de ti, caro amigo, da tua presunçosa inconsciência "politicamente correta" que brota a substância corrosiva que os apóstolos do mal empregam para destruir todos os valores que se opõem à expansão ilimitada do seu poder. Eles têm o dinheiro e os planos, mas a criatividade dos meios é tua. Eles estupram, mas é teu o braço que prende a vítima. Sem a tua querida "liberação sexual" que poder teria a indústria do sexo, que hoje acusas de anestesiar as massas? Sem o teu lindo "relativismo cultural" quem poderia hoje nos vender toneladas de lixo a título de cultura? Sem o teu assalto às tradições espirituais que instilavam no homem a reverência a um poder supramundano, como poderiam os poderes deste mundo elevar-se a condição de deuses? Pois a imaginação move o mundo, e os senhores do século nada podem sem o auxílio dos construtores do imaginário. (CARVALHO, 2019, p. 30)

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Olavo de. **A longa marcha da vaca para o brejo**: o que restou do imbecil. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota.** 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Esquerda caviar**: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2013.

QUINTELA, Flávio. **Mentiram sobre o desarmamento para mim.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

WALSH, Michael. **Escola de Frankfurt**: o palácio do prazer do demônio – o culto da teoria crítica e a subversão do ocidente. Campinas, SP: Vide Editorial, 2020.